

NEUROECONOMIA DA ESTUPIDEZ

Robert Anton Wilson

A Sociedade deriva do sexo, das relações reprodutivas. As ligações do par mamífero e do bando (emoções de afeto de confiança imprintadas) mantiveram juntos os primeiros bandos e tribos humanas como unidades funcionais.

No centro da coisa toda, se situa a ternura orgásmica, o amor compartilhado do abraço genital no ato reprodutivo - e deste se irradia a ternura 'sublimada' entre pais e filhos, irmão e irmã, tios, tias e avós ou seja, a totalidade da 'família expandida' ou ainda, o bando que está caçando e/ou coletando comida.

O Estado conquistador e a subsequente fissão da Sociedade em classes separadas de privilegiados e não privilegiados, criou a pobreza. A Pobreza, como uma instituição humana deriva da conquista, do estabelecimento de um governo (o bando guerreiro invasor permanecendo no local para governar a bando derrotado) e pela instituição de 'leis' que perpetuam a divisão de classes entre Invasor e Invadido.

O ser humano, como qualquer outro primata, contém circuitos neurogenéticos prontos para serem imprintados por ligações de par sexual e de bando. O propósito evolucionário dessas ligações permanece classicamente mamífero: elas garantem a biosobrevivência e a manutenção do estatus dentro do bando. Elas também programam a maior parte das sementes com o comportamento heterossexual reprodutivo necessário para a sobrevivência do bando o que por sua vez provê a segurança da biosobrevivência das gerações futuras.

O surgimento do Estado conquistador, do Estado Feudal e finalmente do Estado Capitalista Moderno progressivamente minou e subverteu a ligação do bando tribal (a 'família expandida'). Na maioria das nações capitalistas avançadas, como no USA, muito pouco da ligação de bando restou. Dificilmente qualquer cidadão americano irá parar para algum "caroneiro", dar esmola para um mendigo ou mesmo vir a confiar nos seus vizinhos. Muitos deles sequer conhecem os seus vizinhos. As ligações de bando normais de comportamento de confiança, caridade e afeição e outras ainda podem ser encontradas em nações feudais, entretanto estão atroficas nos países mais 'adiantados'. A celebrada 'anomia', 'ansiedade', 'alienação', etc. da sociedade capitalista se origina dessa falta de ligações de bandos normais.

Os circuitos que normalmente imprintam uma ligação de bando ainda sobrevivem, falando etologicamente. Numa linguagem psicológica se poderia dizer o mesmo, ao declararmos que a necessidade pela segurança da biosobrevivência ainda sobrevive. Essa constante mamífera deve ser satisfeita e numa sociedade abstrata, essa satisfação se tornará abstrata.

O PAPEL MOEDA SE TORNA O IMPRINT DA BIOSOBREVIVÊNCIA NA SOCIEDADE CAPITALISTA.

A ansiedade infantil da separação da mãe (a medo da perda da Mãe que a tudo provê) acaba se generalizando na ansiedade da separação tribal de forma bastante precoce no desenvolvimento homínídeo. A pessoa que é expulsa da tribo seja por comportamento desviante ou antisocial, desenvolvia uma REAL ansiedade de sobrevivência (a tribo, em

condições primitivas representa uma chance de sobrevivência muito maior do que a de indivíduos isolados - o ostracismo geralmente significava a morte, assim como a ostracismo da mãe significava a morte da criança).

Desde que o dinheiro substituiu a tribo na sociedade capitalista, a maioria dos cidadãos imprimaram as emoções mamíferas tradicionais das ligações mãe-criança e as de bando sobre o dinheiro. Esse processo de imprinting é mantido pelas associações condicionadas criadas pela experiência de uma real privação. Antes do surgimento da Seguridade Social as pessoas morriam da privação do dinheiro numa sociedade capitalista, e em grande número; o que ainda acontece ocasionalmente entre as indivíduos muito ignorantes, os muito tímidos ou os muito velhos (por exemplo, um casal de velhos morreu congelado em Bufalo, há poucos anos porque não eram capazes de pagar a custo do aquecimento da sua casa e o monopólio simplesmente cortou a suprimento deles em Janeiro no inverno rigoroso).

A observação feita freqüentemente pelos europeus de que os americanos 'são loucos por dinheiro' significa meramente que a abstração capitalista, assim como o declínio dos valores tribais, avançou ainda mais nos Estados Unidos do que nos estados capitalistas Europeus.

Os Americanos, quando privados de dinheiro, vagueiam pela vida como um lunático em crise. A 'ansiedade', a 'anomia', a 'alienação', etc. aumentam exponencialmente, reforçadas pelas reais privações de segurança. Os pobres, nas sociedades menos abstratas, mantêm uma ligação de 'amor' ou 'fraternidade' entre si (vilas e vilarejos). Os pobres americanos, por lhes faltar essa ligação, presos ao próprio dinheiro, se odeiam mutuamente. Isso explica a observação paradoxal feita por vários comentaristas de que a pobreza retém algo de dignidade e até mesmo um certo orgulho nas sociedades tradicionais, mas parece ser desonrosa e vergonhosa nos USA. Realmente, o pobre Americano não somente odeia o outro pobre, mas com freqüência eles se odeiam a si mesmos.

William S. Burroughs comparou a capitalismo com a dependência de heroína, apontando os paralelos terríveis. O viciado deve receber doses regulares; o cidadão capitalista deve receber uma quantidade de dinheiro regularmente. Se a droga não está disponível, o viciado se torna um feixe espasmódico de ansiedades; se o dinheiro não está disponível, a cidadão passa por um trauma de abstinência semelhante. Quando a droga se torna rara, o viciado começa a se comportar de forma desesperada e poderá mesmo roubar ou matar. Quando a dinheiro se torna escasso, os cidadãos capitalistas poderão também matar ou roubar.

As drogas opiáceas, de acordo com a Dr. Timothy Leary funcionam como os neurotransmissores do circuito da biosobrevivência. Isto quer dizer que elas ativam as redes neurais relacionadas a ligação mãe-criança. Nos termos da psicologia Freudiana pré-neurológica, o viciado nos braços de Mamãe Ópio regressa à felicidade infantil.

Numa sociedade desprovida da ligação normal de bando um imprint semelhante ocorre sobre o dinheiro, pelo condicionamento de associações aprendidas, sobre os reflexos infantis. O cidadão capitalista aprende neurologicamente que DINHEIRO É IGUAL A SEGURANÇA E A FALTA DE DINHEIRO É IGUAL A INSEGURANÇA.

As práticas de Previdência Social surgiram depois de 70 anos de luta entre liberais e conservadores: os conservadores ganharam a maioria das batalhas. O sistema funciona amplificando a síndrome de dependência. O seguritário recebe uma pequena quantidade de dinheiro no início de cada mês, uma quantia calculada para mantê-lo numa miséria extremamente frugal até o próximo dia dez DAQUELE MESMO MÊS! Através de duras experiências, ele ou ela aprendem a fazer com que essa quantia se estenda até o dia 15 ou talvez até o dia 20. O resto do mês é vivido dentro de uma aguda ansiedade de biosobrevivência. Esse período de privação, como qualquer fornecedor de drogas ou condicionador Skinneriano sabe, mantém todo o ciclo. No início do outro mês, uma outra 'dose' de dinheiro é oferecida e o drama começa novamente.

A Previdência sempre oferece algum 'aumento' regular, já que mesmo dentro da mais flagrante incompetência e redundância, a tendência a industrialização permanece e como Buckminster Fuller apontou, ele existe para cada vez fazer mais com menos e gerar a processo de omni-efemerização (tudo deve ser o mais transitório possível, de automóveis a pessoas).

Em cada década, menos pessoas alcançam um emprego e mais pessoas estarão na Previdência. Atualmente, 0,5% da população detém 70% da riqueza enquanto que 99,5% tem de competir violentamente pelo restante.

O resultado final disso tudo poderá ser uma Sociedade totalmente condicionada, inteiramente abstrata e motivada apenas pelo vício de dependência neuroquímica ao dinheiro.

É importante manter na mente que ainda estamos discutindo os 'comportamentos mamíferos padrões'. Numa pesquisa recente, chimpanzés foram treinados a usar o dinheiro. Os relatórios indicam que eles desenvolveram as atitudes americanas 'normais' com relação a esses misteriosos pedaços de metal e de papel

A 'pirâmide' da nota de um dólar, assim como os outros emblemas 'mágicos' da 'Fleur de Lys', a Suástica, a Águia de Duas Cabeças, Estrelas, Sóis, Luas, etc. com as quais as nações decidiram embelezar as suas moedas e documentas de estado, intrinsecamente mostra a monopolização do 'maná' ou energia psíquica pelo Estado. Aqui estão dois pedaços de papel verde: um é dinheiro e o outro, não. A diferença é que um foi 'santificado' pelos feiticeiros da Casa da Moeda....

O trabalhador capitalista vive na mesma ansiedade perpétua do viciado em opiáceos. A fonte de segurança de biosobrevivência, a neuroquímica do estado de sentimento de segurança está vinculada a algum poder externo. A corrente condicionada: 'dinheiro igual a segurança, falta de dinheiro igual a terror' é reforçada continuamente ao vermos outra pessoa ser 'despedida' e caída na calçada. Psicologicamente, esse estado poderia ser definido como usa "paranóia de baixa intensidade'. Politicamente, as expressões desse desequilíbrio neuroquímico são conhecidas como fascismo: a mentalidade de Archie Bunker, Adolph Schikelgruber, Richard Nixon.

Como diz Leary: 'O medo e a raiva restringem a liberdade, e agora dominam a nossa vida social ... o medo e a violência restritiva podem se tornar tão viciantes, tão reforçados por leis e por uma política esquizofrenizante e por um sistema econômico

que dependa da restrição da liberdade que poderá vir a depender da produção do medo e do desencadeamento do comportamento violento'.

Na metáfora perfeita de Desmond Morris, 'O macaco Nu' a macaco pelado se comporta exatamente como o do zoológico: o desespero é a essência da experiência da jaula. No nosso caso, as barras da jaula são inatingíveis, as regras do jogo impritadas são as 'algemas forjadas na mente' de Blake: 'Nós literalmente fomos roubados da nossa visão - nós literalmente deixamos de lado os nossos órgãos dos sentidos'.

Na busca desenfreada da satisfação dos valores e necessidades geradas por uma sociedade capitalista selvagem, nós simplesmente nos deixamos levar como gado em direção ao matadouro... O símbolo mágico condicionado sobre nós, o dinheiro símbolo literalmente controla o nosso bem estar mental.

Estes fatos da neuroeconomia foram tão envoltos em dor e embaraço que a maioria dos Americanos não irá discuti-los de maneira alguma. O pudor sexual do século dezanove se transformou no pudor do dinheiro. As pessoas poderão falar, pelo menos o terço 'mais abastado' da população, de forma bastante explícita sobre os aspectos fetichistas dos seus imprints sexuais ('eu me excito quando uso a roupa íntima da minha mulher durante as carícias iniciais', ou algo parecido); mas uma franqueza igual frente ao dinheiro gela a conversação e poderá esvaziar a sala.

Por detrás da dor e embaraço superficiais encontramos o terror mamífero, a ansiedade da biosobrevivência. A mobilidade da sociedade moderna se faz por escalar essa síndrome de dependência por dinheiro. Durante a depressão dos anos 30 por exemplo, algumas lojas de gêneros alimentícios e outras 'lojas da esquina' permitiam que os seus fregueses comprassem a 'fiado' e que acumulassem dívidas bastante elevadas por meses seguidos, com frequência. Isto se baseava ainda nos poucos remanescentes da ligação tribal tradicional e no fato de que todos ainda se conheciam na vizinhança naqueles dias (há 60 anos). Atualmente isto não aconteceria. Vivemos, como diz uma novela, 'num mundo cheio de estranhos'.

No capítulo de abertura do 'Confidente', H. Melville contrasta o 'doido religioso' que carrega uma placa dizendo: 'amem-se uns aos outros' com os mercadores cujas tabuletas dizem: 'não há crédito'. Essa ironia foi dirigida para refletir sobre a mistura difícil do Cristianismo e o Capitalismo na América do século dezanove. Mas o Cristianismo, assim como o Budismo e outras religiões pós-urbanas parecem representar amplamente uma tentativa de recriar a ligação tribal num nível místico em épocas 'civilizadas' (ou seja, imperialistas). A Previdência Social parece ser uma tentativa do Estado em falsificar essa relação (numa atitude cínica e paranóica, dentro do espírito da lei capitalista). O Totalitarismo aparece como a erupção, numa fúria assassina, da mesma proposta de converter o Estado num nexo tribal de confiança mútua e de apoio de biosobrevivência.

O nascimento da filosofia libertária na América favoreceu duas tendências que os libertários modernos negligenciaram - de forma muito pouco sábia, podemos acrescentar, se a análise anterior for válida. Estamos nos referindo na ênfase da 'associação voluntária', ou seja, a retribalização num nível superior, através do compartilhar de objetivos evolucionários e sobre o surgimento de moedas alternativas.

Estas idéias aparecem com proeminência em Warren, Greene, Spooner e Tucker entre outros e mais Dana, Ingalls, C. L. Schwartz, Joseph Labadie, Bilgrim, Levy, etc.

As associações voluntárias ou comunas sem algum tipo de 'moeda' alternativa rapidamente são reabsorvidas no padrão capitalista do papel moeda. As associações voluntárias com 'moedas' alternativas declaradas e às claras geralmente são destruídas nas cortes de justiça. As associações voluntárias usando 'moedas' ocultas ou secretas poderão existir a partir do que podemos julgar de pistas ou códigos que certas publicações libertárias da direita nos fornecem.

Nenhuma forma de liberalismo ou de anarquismo, inclusive o anarcocapitalismo e o anarcocomunismo pode combater com sucesso o Totalitarismo e a ideologia da Previdência Social debaixo das condições atuais. Isto parece ser o que Norman O. Brown estava tentando dizer nos seus livros Oculco-Freudianos sobre a nossa 'perversidade polimorfa' (o prazer natural do corpo) ser destruída no processo de condicionamento da sublimação do sexo, (ligação sexual) em direção a jogos sociais como o dinheiro. A Ressurreição do Corpo, que Brown prevê, somente pode acontecer através da mutação neurosomática ou como Leary a chama, de 'Engenharia Hedônica'.

Historicamente, os únicos grupos que conseguiram se desvencilhar efetivamente do jogo social da ansiedade foram: (1) aristocracias absolutamente seguras, livres para explorarem os vários prazeres 'físicos' e 'mentais' e (2) as comunidades de pobreza voluntária compartilhada que representam uma forma de retribalização por pura determinação.

Os libertários, como outros idealistas e descontentes da Esquerda e da Direita, geralmente sofrem de um sentimento agudo de uma apavorante separação entre os seus objetivos evolucionários e a sua atual situação. Este sentimento complica em muito a resolução da sua síndrome de dependência do dinheiro com o resultado de que virtualmente todos eles se sentem imensamente culpados da maneira pela qual eles adquirem o dinheiro necessário para a sua sobrevivência no mundo do macaco domesticado que nos rodeia.

'Ele se vendeu', 'Eu me vendi', são acusações que se costuma ouvir diariamente no escalão idealístico. Qualquer maneira de 'fazer dinheiro' automaticamente sensibiliza o indivíduo às vibrações indutoras de culpa de uma facção enquanto que paradoxalmente, protege das vibrações indutoras de culpa geradas pela outra facção. O 'Armadilha-22', 'A Dupla Lealdade', 'O Princípio de Snafd' e outros são meramente extensões da armadilha neuro-econômica básica: 'VOCÊ NÃO CONSEGUE VIVER SEM DINHEIRO'.

Como disse Joseph Labadie: 'A pobreza nos torna covardes'.

Finalmente, existe um certo 'prazer' em suportar a pobreza. É como o prazer de ter sobrevivido a algum grande luto ou perda de ente querido; o prazer de Hemingway de ficar firme e continuar a atirar num leão que o atacava; o prazer da santa em perdoar aqueles que a perseguiram. Não é masoquismo mas orgulho; 'Eu fui mais forte do que imaginava', 'eu poderia ter chorado mas não chorei'. Esta é a alegria que Nietzsche e Gurdjieff encontraram ao ignorar as suas doenças cruelmente dolorosas e escrevendo apenas do estado 'desperto' situado para além das emoções e fixações caprichosas.

A paranóia da Direita sobre o papel moeda (as várias teorias 'conspiratórias' de como é manipulado o fornecimento e a negação do acesso ao dinheiro) irão sempre ser epidêmicas na sociedade capitalista. Os viciados em drogas têm os mesmos mitos com relação aos seus fornecedores.

É a comida real, a roupa real, a real moradia que são ameaçados quando o dinheiro é removido, mesmo que temporariamente e surge uma real privação quando este é removido por um longo período de tempo. O macaco domesticado está preso num jogo de símbolos mentais, mas ainda assim a armadilha pode ser mortal.

Existe um tipo de prazer masoquista na análise de um assunto doloroso nas suas ramificações e conseqüências em todas as suas bifurcações e tormentos labirínticos. Existe algo por debaixo de Marx, Veblen, Freud, Brooks Adams. 'Por pior que seja, podemos pelo menos olhar para isto sem gritar de pavor', parece que eles estão nos garantido e também a eles mesmos...

'Somente aquele que bebeu do mesmo cálice que nós, nos conhece', diz Solzhenitsyn. Ele estava falando sobre a prisão, não sobre a pobreza, mas ambas se assemelham por serem punições tradicionais para os que tem opiniões divergentes. Tornam-nos orgulhosos de termos suportado tais castigos, se a eles sobrevivemos...

Uma opinião popular dirá que a contra-cultura dos anos 60 foi assassinada pelos cassetetes dos policiais, pelas batidas de apreensão de drogas e outras formas de violência direta. A impressão que fica é que ela simplesmente morreu de inanição. O dinheiro foi cortado e depois de um período de privação suficiente os sobreviventes se arrastaram para dentro da primeira jangada de vida capitalista que estava passando. O Capitalismo, escreveu Jack London, possui o seu próprio paraíso (riqueza) e o seu próprio inferno (pobreza). 'E o inferno é bastante real', acrescenta ele a partir da sua própria e amarga experiência.

Na melhor das hipóteses, a Paternidade é um problema, mas ela se transforma numa empreitada heróica sob o capitalismo. Quando o suprimento de dinheiro é cortado, o pai de família nos USA de hoje experimenta uma ansiedade multiplicada: medo por ele, por aqueles que ele ama e confiaram nele. Somente o capitão de um navio naufragando conhece essa vertigem, essa ferida.

Sobreviver ao terror é a essência da verdadeira iniciação. Porque aqueles que perdoaram tudo são os mais felizes e, como Nietzsche disse: 'Aquilo que não me mata, me faz ficar mais forte'.

The Illuminati Papers